



A ÉTICA DA ALTERIDADE EM LEVINAS: A LIÇÃO DO ROSTO DO OUTRO QUE CLAMA POR RESPONSABILIDADE

Emerson de Assis Braz^p
Altamir Celio de Andrade^p

RESUMO

O presente artigo é uma tentativa de apresentar a filosofia da alteridade de Emmanuel Levinas (1906-1995), buscando salientar que a lição do rosto é fundamental para se pensar uma sociedade mais humana. A sua filosofia contrapõe-se ao saber baseado no cogito que transporta a um pensamento ontológico, ressaltando a totalidade e o neutro. O fio condutor desta pesquisa é a ética enquanto metafísica e que está voltada para o outro, apontando uma alteridade que necessita de abertura. Essa filosofia é produzida pela lição do rosto que é marca da asseveração as designadas sociedades de indivíduos que assinalam a contemporaneidade por sua indiferença de massa. Em contrapartida, Levinas propõe uma ética que anula qualquer tipo de egoísmo e ratifica o encontro com outro, como aquele capaz de suscitar a humanidade no humano.

Palavras-chave: Levinas. Ética. Alteridade. Rosto. Responsabilidade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende apresentar a filosofia da alteridade de Emmanuel Levinas, concentrando a reflexão na ética, metafísica, alteridade, rosto e responsabilidade. Neste filósofo a metafísica está na mesma proporção da ética, ou seja, aquela que por meio da qual os outros setores da filosofia tomam sentido. Assim sendo, o desejo metafísico leva o Mesmo a se aproximar do diverso que por meio da relação heterônoma e do face a face o outro brada por cuidado.

Levinas propõe um saber que rompe com as amarras do individualismo para a realização da subjetividade, conduzindo o Mesmo a se aproximar com o que é exterior a si. Por meio de sua obra central, *Totalidade e Infinito* (1980), buscar-se-á assinalar a teoria

^p Graduado em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: emersondeassisbraz@hotmail.com

^p Mestre Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutor em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: altamirandrade@pucminas.cesjf.br

levinasiana a respeito da ética como aquela fonte da alteridade, numa leitura que tem foco as relações interpessoais.

O esforço desse filósofo é instituir um novo sentido para o humano, diferente de toda forma de relação que imprima caráter imperialista sobre o outro. Sendo o rosto de outrem a epifania por excelência que não se enquadra numa mera e simples compreensão ontológica. A proximidade com o dessemelhante é a relação que se enxertam o ser e o saber, que retoma no homem a consciência de humanidade, impelida de responsabilidade, justiça, cuidado e paz, num exercício de desinteresse, pois o sentido da ética se produz no para além do ser.

Com efeito, a filosofia levinasiana coloca em foco o que se passa na sociedade coetânea, que vem sendo desamente interpretada pelo advento das designadas sociedades de indivíduos, em que o Eu egoísta se totaliza em si, excluindo toda e qualquer possibilidade de alteridade. O primado do mesmo, que é o fechamento do ser humano em si, geram movimentos totalitários que assolaram o século XX e é eco no período presente. No entanto, essa questão filosófica é de competência para o pensamento da alteridade, que pensa o homem e a humanidade e propõe um caminho de solidariedade.

A ÉTICA ENQUANTO FISSURA PARA O OUTRO

Num diálogo crítico com a filosofia ocidental, Emmanuel Levinas tenta encontrar na metafísica a essência da ética. Isso porque, para este filósofo “[...] a metafísica surge e mantém-se neste alibi. Está voltada para o “outro lado”, para o “doutro modo”, para o “outro”” (LEVINAS, 1980, p. 21). Compreende-se, nesta construção teórica, que o desejo metafísico não parte de um além-mundo, mas tem seu início necessariamente por meio do mundo da vida, projetada para um externo que se estabelece para além dos limites dessa mundanidade, na direção de uma relação que precede e conclama por uma abertura.

Assim sendo, é possível perceber uma transcendência, uma excedência na relação intersubjetiva que é localizada fora das categorias objetivas da Ontologia e do pensamento conceitual. Por conseguinte, a filosofia de Levinas coloca em questão a primazia do “mesmo” que revela ao conhecer ontológico uma redução do Outro em relação ao Eu. Esta é, portanto a lição de Sócrates, que sugere “nada receber de Outrem a não ser o que já está em mim, como se, desde toda a eternidade, eu já possuísse o que me vem de fora” (LEVINAS, 1980, p. 31).

Por outro lado, a crítica levinasiana não reduz o Outro ao o Mesmo como a ontologia. No entanto, põe em questão o exercício do Eu, “[...] que não pode fazer-se na



espontaneidade egoísta do Mesmo – é algo que se faz pelo Outro. Chama-se ética a esta impugnação da minha espontaneidade pela presença de Outrem” (LEVINAS, 1980, p. 30). A metafísica proposta por Levinas não se assenta em uma alteridade formal, desta que não é um simples inverso da identidade, nem mesmo de uma resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade que necessita de abertura. Essa fresta que se dá ao outro afasta a quadratura ontológica, instaurando-se um movimento desejanste que conduz ao infinito e ao bem.

Levinas desloca a metafísica do além mundo para um além do mesmo, indicando-a não como representação, pois se assim fosse “o Outro dissolver-se-ia no Mesmo: toda representação se deixa essencialmente interpretar como constituição transcendental” (LEVINAS, 1980, p. 26). Isso porque do outro lado o outro com o qual o metafísico está em relação não está alhures, mas se apresenta no mundo que se habita e que se permanece. É nessa permanência no mundo, marcado pela abertura ao outro através do face a face que o filósofo chama de fato metafísico, de fato ético (CINTRA, 2009).

Nesta esteira, é que a ética se estabelece como filosofia primeira, enquanto é o ponto de partida com o mesmo se relacionar o mundo. De certo a metafísica está na mesma proporção da ética, esta que deseja a excedência, ou seja, de saída de si para o próximo (CINTRA, 2009). Para tanto, o trabalho de Levinas não tem por pretensão escrever uma nova ética e sim o de evidenciar que a ética deve ser o ponto de partida da filosofia enquanto constituição de sentido do humano.

O movimento que recupera a metafísica é o do “eu” em transcendência para o outro. Essa compreensão ajuda a refletir sobre os diversos, “pensar o infinito, o transcendente, o estrangeiro, não é, pois pensar um objecto. Mas pensar o que não tem os traços do objecto é na realidade fazer mais, ou melhor, do que pensar” (LEVINAS, 1980, p. 36). Desse modo pensa-se a transcendência como ideia do infinito, para este filósofo o infinito seria o a mais, o para além, que não se unifica numa relação totalizante. É na verdade o absolutamente outro (MELO, 1999).

A alteridade integra a essa teoria sendo a realização desta filosofia primeira (ética). No entanto, para que o reconhecimento do próximo aconteça faz-se necessário deixar claro que este o seja em si mesmo. Nas palavras de Levinas a “heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente outro em relação a um termo cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de entrada na relação, ser o Mesmo não relativa, mas absolutamente” (1980, p. 24). Contudo se faz necessário romper com todo tipo de totalidade, que no senso comum, chama-se da pendência entre egoísmo e altruísmo

(CINTRA, 2009), para abrir-se ao outro, abertura que é o cerne na dinâmica de estabelecer vínculos. Porque se assim não for, recai novamente no pensamento ocidental ontológico, que além de não possibilitar a alteridade reduz o outro a mesmidade. Emmanuel Levinas defende que a “filosofia do poder, a ontologia, como filosofia primeira que não põe em questão o Mesmo, é uma filosofia da injustiça” (LEVINAS, 1980, p. 34).

A RELAÇÃO POR EXCELÊNCIA

Uma vez que, a metafísica é aquela que sempre aponta para uma exterioridade integral, a alteridade é a palavra que expressa esse evento na vida das pessoas. Deste modo, precisa-se distinguir bem essa realidade que trata das relações entre os humanos, demarcando assim o que o termo sugere, deste modo elimina no pensamento os vícios que muitos colocaram sobre o termo alteridade. A filosofia da relação não tem por finalidade, traduzir o outro no mesmo que é próprio da filosofia ocidental, mas ao contrário quer estabelecer afinidade na mesmidade e na identidade de cada um.

O pressuposto para que a alteridade seja estabelecida é o reconhecimento do outro, sendo este um outro si, não um outro “eu”, ou seja, o que na verdade se pretende é um partir de si para uma relação com o outro. Assim, mantêm o “ser” de cada indivíduo, mas com uma abertura para o outro ser, rompendo assim com barreiras que aprisionam o “mesmo”, e que não se permite a ir a outrem (LEVINAS, 1980). Em um dos ensaios de Giorgio Agamben intitulado *O amigo* (2010), ele trata da etimologia da palavra alteridade, retratando o outro como amigo, estreitando relações, mas legitima a identidade de ambos. Isso porque, “o amigo não é um outro eu, mas uma alteridade imanente na “mesmidade”, um tornar-se outro do mesmo. No ponto em que eu percebo a minha existência como doce, a minha sensação é atravessada por um com-sentir que a desloca e deporta para o amigo (AGAMBEN, 2010, p. 90).

Entretanto, para que o diverso se confira como alteridade conservando toda a sua singularidade, é preciso que ele seja totalmente Outro em relação ao termo com o qual se relaciona e que este seja um Eu. A alteridade que se compreende nessa linha de pensamento, é não ser o outro, ser o que se é, como ponto de partida da relação, sem poder percorrer a distância que vai de si ao Outro. Assim sendo, o se abrir e sentir com o próximo faz sentido para uma humanidade desejante por transcendência.

De certo, todas as relações estabelecidas podem ser compreendidas, dialogadas e pensadas, ficando assim em um nível do discurso ou da imaginação, mas “o modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a ideia do Outro em mim, chamo-lo, de facto, rosto”



(LEVINAS, 1980, p. 37). Assim Levinas se faz entender que é através do rosto d'outrem, que a alteridade por sua vez acontece, pois na face do outro as medidas com que medimos não servem mais, porque é preciso que aquele se mostre ou se exprima, assim sendo o rosto do outro é infinito (LEVINAS, 1980).

No entanto o mesmo é infinitamente separado do outro, fazendo-se transcendente em relação à mesmidade, de certo é no rosto do outro que ele se mostra, mas ao mesmo tempo se faz incompreensível. Nas palavras de Levinas, “abordar Outrem no discurso é acolher a sua expressão, onde ele ultrapassa em cada instante a ideia que dele tiraria um possível pensamento. É, pois, receber de Outrem para além da capacidade do Eu; o que significa exactamente: ter a ideia do infinito” (1980, p. 38). O que nesta mesma filosofia não quer significar que o “mesmo” seja ensinado pelo separado, mas mostrando sua incapacidade.

Neste sentido, é importante perceber que a alteridade com o próximo ou o discurso, é uma relação precedida pela ética. O face a face por sua vez é o que dá sentido a vida humana, porque segundo o filósofo essa é a posição por excelência, pois como já salvo a visão do rosto é comparável à experiência do Infinito, por ter em si potencialidade de ultrapassar os poderes do mesmo como sujeito, porque a ideia de infinito não vem de uma base *a priori* (MELO, 1999). Levinas traduz a alteridade como uma

relação com Outrem ou o Discurso é uma relação não-alérgica, uma relação ética, mas o discurso acolhido é um ensinamento. O ensinamento não reduz, porém, à maiêutica. Vem do exterior e traz-me mais do que eu contendo. Na sua transitividade não-violenta, produz-se a própria epifania do rosto. A análise aristotélica do intelecto, que descobre o intelecto agente, que vem pela porta, que é absolutamente exterior e que no entanto constitui, sem de modo nenhum comprometer, a actividade soberana da razão, substitui já a maiêutica por uma acção transitiva do mestre, dado que a razão, sem abdicar, se acha na situação de receber (LEVINAS, 1980, p. 38).

Faz-se entender então, que a porta pela qual toda relação passa é sem dúvida a do rosto, e é por meio dele que há um interdizer ético, ou seja, uma comunicação imediata sem palavras, que ambos no evento do frente a frente se dizem: “Não derramarás sangue humano!” (RIBEIRO, 2012, p. 162). Esse não matarás, mesmo sendo uma construção de palavras na forma negativa, tem o objetivo afirmativo que possibilita a aproximação e estabelecimento de relação, sem qualquer medo ou receio.

Deste modo, a alteridade está fora de uma interpretação equivocada de que o mesmo deve se colocar no espaço do outro, ou ainda que este termo sugira pura e simplesmente respeito mútuo. A filosofia levinasiana coloca a alteridade, como que

alimento para a necessidade que se tem de uma relação com o infinito. Desejo esse que é suprido com a relação entre os humanos, mesmo que não seja abastecido por completo. Esse receber do outro alimenta, não sacia. Por isto há sempre o desejo de se estabelecer mais relações.

O desejo que se alimenta, não totalmente, nas relações entre humanos, se dá de modo concreto, por meio do rosto (olho no olho, frente a frente). Rosto que estampa a incapacidade do conhecedor ter a compreensão, pois os pensamentos do ser que conhece mudam, assim também se dá com o conhecedor (LEVINAS, 1980). Nessa crise diante da incompreensão do outro, a alteridade se afirma, pois ela se encontra nesta dinâmica de se relacionar concretamente com o que está além de, fora de uma posse ou controle do mesmo. O que cabe a mesmidade é ter uma postura ética de entender o outro, respeitando-o como exterior.

ROSTO: VESTÍGIO DO INFINITO

Faz-se necessário deixar claro, que na linha teórica do pensamento de Emmanuel Levinas, quando se trata da face do outro é na verdade da identidade do próximo que se aborda, ou seja, o rosto torna-se um símbolo de todas as particularidades fundamentais do humano. O estranhamento que se gera no Mesmo por meio do outro, se dá pelo fato de o não conhecer, o rosto daquele que não sou eu ao mesmo tempo em que é estrangeiro convida a um acolhimento ético. Levinas menciona essa realidade quando defende que

[...] o rosto recusa-se à posse, aos meus poderes. Na sua epifania, na expressão, o sensível ainda captável transmuda-se em resistência total à apreensão. Esta mutação só é possível pela abertura de uma dimensão nova. Com efeito, a resistência à apreensão não se verifica como uma resistência inultrapassável como dureza do rochedo contra a qual o esforço da mão se quebra, como afastamento de uma estrela na imensidade do espaço. A expressão que o rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder. O rosto, ainda coisa entre as coisas, atravessa a forma que entretanto o delimita. O que quer dizer concretamente: o rosto fala-me e convida-me assim a uma relação sem paralelo com um poder que se exerce, que seja fruição que seja conhecimento (LEVINAS, 1980, p. 176).

Quando se entende que há no convívio entre humanos, uma presença de outro ser que não entra na esfera do Mesmo, presença que transcende, esta então demarca seu estatuto de infinito (CINTRA, 2009). Assim, entende-se quando este filósofo narra, que o rosto ultrapassa seu próprio limite, mesmo sendo originalmente “coisa entre as coisas”. A alteridade é o evento de ausência e de aproximação, isto se dá quando o rosto do outro aparece e retira-se e desloca o indivíduo para um lugar e um espaço não conhecido de seu



domínio. Nas palavras de Jacques Derrida, o rastro do rosto chamar-se-ia visitação, “sem dúvida, o rastro dessa visitação desarticula e perturba como pode ocorrer quando de uma visita inesperada, imprevista, temida, esperada para além da espera” (DERRIDA, 2004, p. 82).

Assim sendo, entende-se na filosofia levinasiana, que o rosto de outrem é infinito e transcendente, por isso a incapacidade de compreensão. O assassinio, porém, é um esforço de exercer um poder sobre aquela determinada coisa que sobrevive perante o poder. Em outras palavras “poder, porque o rosto exprime-se no sensível; mas já impotência, porque o rosto rasga o sensível. A alteridade que se exprime no rosto fornece a única matéria possível à negação total” (LEVINAS, 1980, p. 177). Esta negação total é o ato invasivo de matar, esse que ao contrário de dominar, apaga, renunciando a compreensão.

Certamente, o desejo de matar, só se é possível perante o outro. Mas se torna em vão persistir no assassinio, por não expressar à força que o ser pode ter enquanto parte do mundo, além de não o possuir. Há também uma relação que impede o aniquilamento de outrem, que é a resistência ética. Resistência essa que se dá pelo infinito, que paralisa o poder e ultrapassa a consciência da luta, porque tem relação com uma abertura absoluta ao Transcendente. A ameaça de uma luta eventual do rosto não esgota sua ideia de infinito, assim como “a guerra supõe a paz, a presença prévia e não-alérgica de Outrem; não assinala o primeiro acontecimento do encontro” (LEVINAS, 1980, p. 178).

Existe na relação face a face uma comunicação imediata, sem uso linguístico, que ambos compartilham-se no não derramamento de sangue humano. Por mais que esse convite seja proibitivo, tem por sua vez o anseio de uma atitude que pressupõe a liberdade de ambos. Essa conversação que se dá pelo interdizer, por meio da proximidade de diferentes, é a linguagem original dessa resistência ética (RIBEIRO, 2012). Para tanto, o “infinito apresenta-se como rosto na resistência ética que paralisa os meus poderes e se levanta dura e absoluta do fundo dos olhos, sem defesa na sua nudez e na sua miséria” (LEVINAS, 1980, p. 178). Deste modo a ética se põe como responsabilidade por outrem, não o negando.

Assim sendo, fica claro, que mesmo o rosto carregado de aparência, o face a face possui um *ethos*, na perspectiva ética, de uma linguagem interna como proximidade. O acolhimento de diversos, através do corpo a corpo, é marca de uma relação que provoca compromisso com o que se acolhe e que se “revela ao mesmo tempo a finitude e a transcendência, dignidade do corpo/sujeito. O cuidado se constitui pela proximidade, a fim de que o corpo do outro não seja desfigurado em sua nudez” (RIBEIRO, 2012, p. 165).

Percebe-se assim, que nesta linha de pensamento, o acolhimento do outro, é uma atitude contrária da agressão. A dinâmica do relacionar-se é ensinamento mútuo.

O relacionar-se com o outro, por meio do face a face, deve impelir o Mesmo a uma atitude de compromisso com o próximo. Para Levinas o termo Eu denota eis-me aqui, respondendo sobre tudo e sobre todos, pois o laço com o outro só se enlaça com responsabilidade, acolhida ou desprezada. Entende-se, que a ordem do rosto não é do poder, mas do serviço. Pode haver o questionamento se outrem é responsável pelo mesmo, a resposta, no entanto é imediata somos todos responsáveis, começando do “eu”, sem esperar reciprocidade (CINTRA, 2009).

Contudo, a filosofia de Emmanuel Levinas aborda a alteridade como acolhimento ao dizer do diferente, por mediação do rosto. O diálogo, portanto é abertura que assenta no bem, esse que superabunda no próprio ser. A abertura do Mesmo ganha do interlocutor mais que possui em si. Nos termos deste filósofo lituano, o “ser que recebe a ideia do Infinito – que recebe, pois não a pode ter de si – é um ser ensinado de uma maneira não maiêutica, um ser cujo existir consiste na incessante recepção do ensino, no incessante transbordante de si” (LEVINAS, 1980, p. 181). Se abrir ao saber do outro é reconhecer o novo, é se ligar a um conhecimento que o Mesmo ainda não o possui.

O rosto é vestígio do infinito na medida em que o finito produz no indivíduo o desejo por aquilo que o escapa, que não está em sua posse. Assim como está o “infinito no finito, o mais no menos”. O face a face é fonte de sentido, que o homem absorve para apaziguar o desejo pelo transcendente. A posição em face é a posição por excelência. A visão do rosto é colacionável à experiência do Infinito. Por extrapolar os poderes do mesmo, como sujeito, a idéia de infinito não incide de um fundo a priori (MELO, 1999).

Assim, a filosofia levinasiana não aspira a definir uma nova ética, desconsiderando toda a história da filosofia, pelo contrário, o anseio desta linha de pensamento é alocar a ética como fonte dos demais saberes. Para assim, pensar numa ética da alteridade que persiste na tese de que cada ser humano é único, insubstituível. Pelo fato de ele só ter sido instituído como tal pelo cuidado de outrem e pelo desejo do Bem para além do Ser (RIBEIRO, 2012).

A RUPTURA COM A INDIFERENÇA

Pode ser notado com grande nitidez, na filosofia de Emmanuel Levinas, que o primeiro passo para uma responsabilidade que o Outro recorre ao Mesmo se faz por meio do face a face. Tal aproximação marca a presença daquele que é impelido e ao mesmo



tempo o desloca, implantando nele uma não-indiferença que o próprio eu converte em responsabilidade, sensibilidade e estabelece pelo outro o cuidado. Isso porque a subjetividade confere caráter de abertura ao desconhecido, não para uma possível posse, mas ultrapassando a ontologia para resgatar uma ética do cuidado que significa um para além do próprio Ser.

A responsabilidade parte da exigência do rosto do outro, requisição pela qual, “outros” não podem responder se não o Mesmo. Deste modo, o “sujeito” não se encontra mais ou menos importante que o “responder por outrem”. Apesar disso, tanto a subjetividade como a responsabilidade estão no mesmo grau de importância. Isso porque essa proporção é abarcada pelo autor numa perspectiva ética. Sabendo que, a alteridade não tem por objetivo tornar um ser submisso ao outro, ou seja, não tem por pretensão negar a autonomia, mas confirmá-la (LEVINAS, 1982, p. 90-91).

Muitos filósofos haviam discorrido sobre a responsabilidade. Edmund Husserl a tratou como encargo pela verdade; Martin Heidegger, numa linha da autenticidade. Para Levinas, a responsabilidade existe como compromisso com o outro. Para tanto, ele entende esse responder pelo outro, “como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto” (LEVINAS, 1982, p. 87). Pois, na relação frente a frente antes mesmo da linguagem, existe o cuidado com aquele que ainda é desconhecido.

A responsabilidade independe da vontade do Mesmo, porque o “responder por outrem” é “irrecusável”. O é, porque o “Ser eu” possui a capacidade de ser responsável por aquele que é subjetividade indiscernível, uma entidade que escapa a qualquer demarcação lógica. Visto que há uma necessidade expressiva entre aqueles que são escapáveis. Isso porque, para Levinas, “a responsabilidade não é um simples atributo da subjetividade, como se esta estivesse já em si mesma, antes da relação ética. A subjetividade não é um para si: ela é, mais uma vez, inicialmente para outro” (LEVINAS, 1982, p. 88).

Em certos momentos, a subjetividade é interpretada erroneamente como individualidade totalizante de cada sujeito. Todavia a subjetividade é abertura, à medida que carece do outro e se estabelece diverso dele. Torna-se evidente que esta filosofia defendida por Levinas pode parecer inadmissível, para aqueles que tratam politicamente a aproximação entre os humanos; relações que são reduzidas à medição de forças que computam suas táticas a partir da ciência pelo conhecimento entre teoria e prática.

A ética da responsabilidade não tem por pretensão monopolizar aquele que é absolutamente estrangeiro. Para tanto, a teoria e a prática que tomaram conta de toda a

história da humanidade - e que até mesmo chegaram a se confundir como modos de transcendência metafísica -, são hoje acalmadas. No entanto, o “responder” por outrem se torna o fundamento, por fazer da responsabilidade uma alteridade ética que vai além da posse ou da total abrangência. Assim, o que se faz e o que se pensa dão lugar à disponibilidade e o cuidado que permite extermínio das guerras e instaura a justiça.

É o desinteresse que conduz o Mesmo a se solidarizar com o Outro, ou seja, a saída egocêntrica do ser para um estar com o próximo, significa ir além da própria individualidade. Para Levinas, cada qual deve assumir o apelo que é feito pelo outro, numa responsabilidade que não deve ter substituição, mas compromisso. A reciprocidade é dispensável, pois a “relação intersubjetiva é uma relação não-simétrica. Neste sentido, sou responsável por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida” (LEVINAS, 1982, p. 90).

Para apoiar a coerência da responsabilidade dentro de sua filosofia, Levinas cita Dostoiévsky: “Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais que os outros” (LEVINAS, 1982, p. 93). Superficialmente, só o Mesmo tem obrigações, mas como em frente ao outro, existe também outro e assim toda humanidade, ambos o (Mesmo e o Outro) são responsáveis por todos os outros. O mandamento do terceiro existe para assegurar a justiça, assim o outro não só recebe, mas é implicado a oferecer.

A exposição do rosto não apresenta um mundo interior, fechado em si, como se houvesse uma nova terra a abarcar. Adverso, essa manifestação se reduz a um fenômeno, que pode ser descoberto, mas não abreviado à posse. Desse modo, o que ocorre “entre nós diz respeito a toda gente, o rosto que o observa coloca-se em pleno dia da ordem pública, mesmo que dela me separe ao procurar com o interlocutor a cumplicidade de uma relação privada e de uma clandestinidade” (LEVINAS, 1980, p. 190). O rosto não convida a uma convivência com o ser mais querido, que apenas confirme uma totalidade individualista, porém o rosto abre a humanidade em cada indivíduo.

Para Levinas, a humanidade se dá a medida em que se reconhece a responsabilidade, como uma forma de cuidado, pois responder por outrem não significa apenas ajudá-lo em seus endividamentos, mas comprometer-se de forma integral com aquele em que o Mesmo estabelece relação. Ora, se a alteridade é ponto de partida para a concretização da ética, por outro lado, o cuidado é o ponto de recuperação da responsabilidade pelo outro de caráter mais integral e profunda. Tornando eficaz o sentido da ética, como aquela que produz responsabilidade do “eu” pelo outro, como forma de transcendência.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a alteridade que o mesmo é instigado a participar é em perder-se no desconhecido, é inquietar-se e que esse pungir seja causado pela presença de outrem, não para afirmar a mesmidade do indivíduo, mas para que o Mesmo possa transcender as cadeias egoístas que o envolve para se abrir ao ensinamento do outro. No entanto, para além de conceitos fechados, a filosofia de Levinas dirige o que a pensa a entrar em ambientes ainda desconhecidos, não para dominá-los, mas para crescer com eles.

De certo, a filosofia levinasiana é um confronto aberto com qualquer tipo de indiferentismo, que vem transformando as relações interpessoais em encontros irrisórios e desprezíveis. A filosofia da alteridade, por sua vez, é a atitude do Mesmo para um para além de si, do estar no mundo com os outros, no consentir e no conviver, isso significa que a transcendência não é uma ótica, mas o primeiro gesto ético efetivado na experiência do face a face com a exterioridade do Outro.

ABSTRACT

This article is an attempt to introduce the philosophy of otherness of Emmanuel Levinas (1906-1995), seeking to stress that the lesson of face is vital to think about a more humane society. Your philosophy opposes to learn based on cogito that carries an ontological thought, emphasizing the totality and the neutral. The leitmotif of this research is unethical as metaphysics and you're facing each other, pointing an otherness that needs opening. This philosophy is produced for the lesson of the face that is a trademark of representations the designated companies or individuals who indicate contemporaneity for its mass indifference. In contrast, Levinas proposes an ethics that nullifies any kind of selfishness and ratifies the appointment with another, as that might give rise to humanity in the human.

Key-words: Levinas. Ethics. Otherness. Face. Responsibility.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O amigo. In: _____. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2010. p.78-92.

CINTRA, Benedito E. Leite. **Pensar com Emmanuel Levinas**. São Paulo: Paulus, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Levinas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. **Ética e infinito**: diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70, 1982.

MELO, Hygina de Melo. O rosto do outro: a morada como acolhimento em Lévinas. **Revista de filosofia atualidade da ética**. Belo Horizonte, v. 26, n. 84, p. 119-126, jan. 1999.

RIBEIRO, Nilo. Emmanuel Levinas: o pensador da ética como filosofia da alteridade. In: CARDOSO, Delmar (Org.). **Pensadores do século XX**. São Paulo: Loyola, 2012, p.161-185.